

# Você "não decide"

DANIEL HERZ

*"EM CASA DA ENFOCADA?"*

Nega-se, sistematicamente, a possibilidade de um golpe no Brasil. No entanto, estamos vivendo uma clássica situação impulsionadora de soluções de força. As instituições e os poderes constituídos não têm respeito público, e não conseguem resolver nem os problemas estruturais do país e nem seus impasses políticos. O Legislativo desmoralizado, o Judiciário desacreditado e o Executivo atravessando uma crise jamais vista. Aquecem-se os conflitos entre os poderes num quadro, acresça-se, de desmobilização da sociedade civil. Não foi outro o pano de fundo da recente tentativa de golpe na Venezuela e do recentíssimo golpe no Peru. A nossa débil democracia - que, de fato, beneficia apenas uma pequena parcela da população - terá anticorpos para resistir ao assédio de um projeto golpista, num país sem projeto?

Na última quarta-feira a *Rede Globo* exibiu uma inquietante edição do programa *Você Decide*, claramente instigando os telespectadores a justificarem a prática de um roubo. Colocou-se o principal personagem numa situação em que um tribunal facilmente poderia caracterizar como "estado de necessidade". Com seus apresentadores insistindo no dilema "roubar ou deixar a mãe morrer", a *Rede Globo* induziu, via Embratel, dezenas de milhões de pessoas a patrocinar uma postura criminosa. A tese parecia clara: "você também pode ser um ladrão".

No complicado quadro político atravessado pelo país, é de ser perguntar onde a *Rede Globo* quer chegar com isso tudo. Em diversas oportunidades a televisão foi utilizada como instrumento de "guerra psicológica". Novelas, por exemplo, já foram utilizadas como "linha auxiliar" para fomentar a necessidade nacional de "caçadores de marajá".

Mais do que um questionamento conjuntural e episódico, entretanto, a análise deste programa da *Rede Globo* aponta para a necessidade de uma profunda reavaliação do papel da televisão na determinação da cultura de nosso país. Parece óbvio que tão poderosos meios de <sup>ALCANCE</sup> ~~(natureza)~~ pública não podem continuar refletindo exclusivamente os interesses e caprichos da meia dúzia de empresários que controla as grandes redes de televisão.

O problema, afinal, não é que estes operadores sejam empresários e atuem comercialmente com seus veículos. O problema é "serem meia dúzia" e se mostrarem impermeáveis ao interesse público. O problema é que a cultura nacional, em larga escala, está sendo produzida sob controle exclusivo dessa "meia dúzia". Nenhum setor da sociedade, seja qualquer for, pode ter a pretensão de deter tal poder sobre a formação da cultura, sufocando a pluralidade e escondendo a diversidade política, cultura e étnica de nosso país. A verdade é que todos esses donos das redes de televisão construíram seus impérios à sombra da ditadura militar e conhecem suas desvantagens, mas também - e talvez principalmente - seus "benefícios". Eles não demonstram ter, exatamente, um compromisso com a democracia.

ALCANCE  
MAIS  
CANAL

Pois é nas mãos destes empresários que se encontram as principais fontes de informação e entretenimento da população, com impressionante inserção no cotidiano dos indivíduos e capacidade para induzir hábitos, costumes, valores e concepções. É hora de dar um basta a essa usurpação do interesse público.

Não estamos aqui defendendo formas regulatórias que reeditem a censura ou o intervencionismo do Estado, determinando o que deve ou não ser

produzido, o que pode ou não ser assistido pelo público. Acreditamos que é possível, mesmo assegurando-se total liberdade de produzir e de assistir, deflagrar uma dinâmica social capaz de permitir que uma crítica, plural e democraticamente produzida, tenha o mesmo alcance da produção comercial veiculada. É possível conceber instituições mediadoras, representativas socialmente e democraticamente constituídas, capazes de mostrar ao público o que este pode exigir da televisão e debater com os produtores sobre rumos e alternativas.

Não defendemos aqui nem o impedimento da operação comercial, nem uma tutela sobre os conteúdos com a imposição de uma censura em "novas bases". Estamos questionando, isto sim, o papel da sociedade na formação da cultura e o papel da cultura no seio da própria sociedade. O que está em jogo é a possibilidade de integração ativa dos diversos setores da sociedade no processo de construção da nacionalidade. O que está em disputa é o controle de um processo civilizatório que grupo social algum, isoladamente, tem o poder de decidir.

Os setores organizados desse país - especialmente nossa sociedade civil, hoje tão desmobilizada - têm uma responsabilidade a cumprir, inclusive com o imenso contingente de brasileiros desorganizados e mesmo brutalizados por condições de vida deploráveis. É necessário que se assumam uma atitude, antes que seja tarde demais, embora num país onde abundam lideranças mesquinhas, pusilânimes ou simplesmente omissas, talvez isso continue a não ser levado a sério. Por isso, não é de estranhar que prossigamos tolerando as aulas públicas de falsificação da democracia e a bestialização da cidadania e da nacionalidade. É compreensível, assim, que a maior rede de televisão brasileira persista fazendo escárnio da impotência do "resto" do país ao ressaltar, de forma invertida, aquilo que a maioria, apesar de tudo, sabe muito bem: sobre as grandes questões nacionais, você "não decide".

Gená  
BVC  
12/10/64  
CL-100?

DANIEL HERZ, 37, jornalista, professor e escritor.